



RAZÃO & FÉ

Construindo convicções, dissipando as dúvidas

UNIDADE I

Você tem fé para ser ateu?

Prof. Eliel Queres Santana

O código genético e a necessidade de intervenção inteligente

Já vimos que a teoria da “geração espontânea” não passa de especulação e fê dos ateus, por não haver observação nem exemplos científicos de algum fenômeno semelhante. No entanto, se nos aprofundarmos mais a respeito do DNA, ficará mais claro para nós sobre como o ateu tem mais fê do que o crente.

O ser humano tem em média 37 trilhões de células em seu corpo, e a ciência descobriu que no núcleo dessas células há o DNA. Ele possui uma estrutura em formato de hélice e é formado por quatro bases de nitrogênio que recebem o nome de adenina, timina, citosina, e guanina, representadas pelas letras A, T, C e G. Essas letras são conhecidas como “alfabeto genético”. São elas que transmitem uma mensagem singular para que os aminoácidos e as proteínas se encaixem perfeitamente formando as células, e as células formam tecidos e os tecidos formam os órgãos. Por isso que dizemos que o DNA contém a informação necessária para vida. É como se fosse um disco rígido de computador, que tem um banco de dados.

O DNA transmite informações, mas quem as interpreta? O RNA funciona como uma cópia do DNA. O DNA está dentro do núcleo da célula, o RNA, que opera como uma cópia do DNA, leva a informação para fora do núcleo da célula, até chegar ao Ribossomo, que interpreta, codifica as informações do DNA, e assim produz proteínas. Para termos noção da quantidade de informações produzidas pelo DNA e interpretadas pelo Ribossomo:

Os genomas, ou melhor, o DNA que os codifica, são em geral muitos extensos: o DNA de uma bactéria *E. coli* contém cerca de 4 milhões de letras e preencheria mil páginas de um livro, enquanto um genoma humano contém mais de 3,5 bilhões de letras e preencheria uma biblioteca inteira. 4 A título de curiosidade, o comprimento real do DNA firmemente bobinado numa única célula humana é de aproximadamente 2 metros. Como no corpo humano há cerca de 10 trilhões ($= 10^{13}$) de células, o comprimento total do DNA é de 20 trilhões de metros, número que nossa mente nem consegue imaginar. (Lennox, John C, 2016, p. 172)

Assim, somos levados a admitir uma alta complexidade que exige inteligência dentro de nós. Bill Gates afirmou que o “DNA é como um programa de computador, mas muito, muito mais avançado do que qualquer software que já criamos.”

ENTÃO POR QUE AINDA HÁ ATEUS?

Diante de tais argumentos sólidos, racionalmente formulados, e de tantas evidências, como ainda existem ateus? Os ateus suportam as evidências e os argumentos a favor da existência de Deus porque eles já estão comprometidos com a sua fé, a sua fé na não-existência de Deus. Algum ateu já afirmou que mesmo que se Deus aparecesse em sua frente se revelando, ele iria negá-lo e diria que seria uma ilusão de sua mente. Tudo isso revela uma *vontade, fé, desejo*, a priori, para negar a existência de um Deus. Vejamos como isso se dá, primeiramente, na ciência.

O materialismo e o naturalismo são linhas de pensamentos que afirmam que só o que existe é o natural e o físico, nada além disso pode ser concebido. Logo, apenas explicações físicas e naturais podem ser consideradas válidas. Segundo Marcos Eberlin a ciência hoje é dominada por essas correntes, também nomeada de “naturalismo filosófico”. Por isso, as únicas explicações que são consideradas “científicas” são aquelas que se limitam ao físico e ao natural, e isto é o porquê do Design Inteligente não ser considerado ciência por alguns, justamente pois faz alusão a uma causa sobrenatural. Logo, não importa o que aconteça, ou para o quê os dados apontam, os cientistas se apegarão sempre a causas naturais, pois possuem fé no naturalismo e no materialismo. Desse modo, a vida sempre se limitará a elementos químicos inanimados. Veja o que Norman Geisler diz sobre isso: “A geração espontânea por meio das leis naturais tem de ser a causa da vida porque eles não consideram nenhuma outra opção.” A ciência é escrava da filosofia!

Como sabemos que o materialismo é falso? Em primeiro lugar, e de forma muito simples, se podemos pensar sobre ele já é sinal de que existe algo além do material, justamente pois estou *pensando* na possibilidade do materialismo ser falso ou verdadeiro. Pensamentos e teorias não são materiais. Nesse sentido, a própria teoria do materialismo refutou o materialismo, uma vez que “a teoria não é feita por moléculas.” (GEISLER, p. 132). Em segundo lugar, vimos que existe uma mensagem na vida (o DNA), existe uma enorme quantidade de informação em nossas células, e informação não é material. Em terceiro lugar, se apenas uma das milhares e milhares de testemunhos de experiências espirituais for verdadeira, logo o materialismo é falso. E por último, a própria razão e a consciência anulam qualquer possibilidade de que o materialismo seja verdadeiro. Os ateus e darwinistas creem que a mente surgiu a partir de matéria inanimada e sem nenhuma intervenção inteligente. O materialismo não pode explicar a racionalidade. Os materialistas tentam responder com a teoria chamada de “fiscalismo”, dizendo que o ser humano é “apenas um sistema físico”, e que a consciência evoluiu da matéria! Mas aí jaz a incoerência! Como pode matéria morta e não-inteligente criar a racionalidade? O efeito é maior do que a causa?

Diante disso tudo, não seria absurdo dizer que a ciência *prova* Deus. A questão é que a prova nunca vai satisfazer aqueles que já estão predispostos a acreditar que não existe Deus. Veja por exemplo, Carl Sagan, ele sabia da enorme complexidade da vida, e da infinidade de informações dentro de nós, e mesmo assim, era materialista:

“A informação contida no cérebro humano expressa em bits é provavelmente comparável ao número total de conexões entre os neurônios - cerca de 100 trilhões de bits. Se fosse escrita em inglês, digamos, essa informação encheria 20 milhões de volumes, o equivalente em volumes ao acervo das maiores bibliotecas do mundo. A equivalência de 20 milhões de livros está dentro da cabeça de cada um de nós. O cérebro é um lugar muito grande num espaço muito pequeno [...] É o circuito de uma máquina mais maravilhosa do que qualquer uma que o ser humano já tenha visto.”

Portanto, concluímos que é uma questão de fé dos materialistas e dos ateus, como já temos demonstrado. Mas, diferente da fé cristã, é uma fé irracional.

3. O argumento moral

O ateu Christopher Hitchens debateu com o apologista cristão William Lane Craig, e viu-se totalmente bombardeado de argumentos e provas irrefutáveis que apontavam para a evidência de um Criador. Ao longo de todo debate, Hitchens não foi capaz de refutar nenhum dos argumentos levantados por William Craig, nem mesmo de fornecer uma base sólida para seus argumentos com evidências científicas. Mas, a única coisa (praticamente) que Hitchens fez, em todo debate, foi falar do problema do mal como um apontamento para não existência de Deus. Aliás, em seu livro chamado “Deus não é grande: Como a religião envenena tudo”, esse é o foco de seu argumento. Há muito tempo, um dos argumentos preferidos dos ateus é: “Se Deus existe, por que há mal no mundo?”. Nós iremos responder melhor a esse tipo de questão na quarta unidade, mas por agora, mostraremos como que essa perspectiva na verdade mostra que Deus existe, e não o contrário.

1. Argumentos iniciais

Ao falar sobre o mal e a injustiça que há no mundo, Hitchens acaba reconhecendo, paralelamente, que há noções claras e definidas sobre o que é bom e justo. E a questão é: De onde ele tirou as noções do que é bom e justo? C.S Lewis dá uma boa resposta. Ele fala da Lei Moral, que está impressa dentro de cada homem. Ele exemplifica isso em seu livro “Cristianismo puro e simples”. Seu primeiro argumento para existência de Deus é o argumento moral. Ele diz que em uma briga (discussão) sempre podemos ver duas pessoas (ou mais) tentando reivindicar um direito,

algo que elas sinceramente acreditam ser certo. Segundo ele, o “intuito da briga é mostrar que o outro está errado”. O que as pessoas tentam fazer em uma briga é mostrar que por este ou aquele outro motivo elas estão certas e a outra errada. No entanto, não faz sentido isso acontecer se não houver um consenso mútuo sobre a existência do certo e do errado. De igual modo, não faria sentido às pessoas pedirem desculpas umas às outras se não houvesse um acordo sobre qual é o modo correto de agir. Além disso, se dissermos que certo e errado não existem, estaremos também afirmando que não existe tal coisa como justiça e a injustiça, pois tudo é ponto de vista. Mas, sabemos que não é bem assim, porque de fato, o mundo em que estamos inseridos é cheio de injustiça! Ironicamente, não podemos fazer essa afirmação se não acreditarmos que existe o certo e errado. C.S Lewis diz que por mais que uma pessoa afirme que não existe certo ou errado, ela vai apelar para isso logo que você faça um mal a ela. Em outras palavras, ninguém consegue realmente viver como um relativista moral. Nenhum relativista moral espera que seu cônjuge seja relativista em relação ao adultério, por exemplo. Nenhum relativista moral, quando insultado e injustiçado, vai dizer “É relativo!”. Não, pelo contrário, ele vai atrás de seus direitos, acreditando que aquilo é certo.

Se certo e errado não existem, então não há diferença entre as ações de Hitler e de Madre Teresa, não há diferença entre a tortura e o assassinato de milhões em comparação a ajuda e socorro prestado a muitos outros seres humanos. Não existiria tal coisa como virtude e boa vontade. No entanto, como a Lei Moral, está gravada em nosso interior, simplesmente sabemos que não é assim. Existe um padrão absoluto que nos diz que algo está certo e que outra coisa está errada. Isso é uma Lei gravada em nosso interior, e como toda Lei tem um autor, devemos crer que alguém a estabeleceu dentro de nós.

1. Toda lei possui o criador da lei
2. Existe uma lei moral
3. Portanto, existe o Criador da lei moral

2. Argumentos filosóficos

Algumas pessoas dizem que a moralidade é algo que se dá por meio da educação, algo que foi ensinado por gerações de modo que se instalou dentro de nós. E por isso, não é uma lei universal que está dentro da cada homem, mas algo aprendido e perpetuado por gerações. O ex-ateu C.S Lewis discorda dessa ideia, argumentando que do mesmo modo que não podemos inferir que a tabuada seja uma simples invenção humana, não podemos dizer o mesmo da Lei Moral, porque ela é objetiva, tal como a matemática! O argumento de C.S Lewis é que por mais

que existam diferenças de ideias morais entre povos e épocas, sempre iremos enxergar uma delas como aquela que mais se aproxima do Certo Real, do absoluto. Um conjunto de ideias morais pode ser mais verdadeiro e próximo do que é certo. Isso fica nítido se compararmos um país cristão com a Alemanha Nazista (antes que alguém diga que a Alemanha Nazista era cristã, vá estudar história!). Quando fazemos essa comparação, estaremos medindo ambos os países de acordo com um padrão, dizendo que um está mais em conformidade com uma Moralidade Real, e absoluta, do que o outro. Logo, a moralidade é objetiva, e não subjetiva! Norman Geisler e Frank Turek argumentam acertadamente que os seres humanos não determinam o que é certo e o que é errado, eles descobrem o que é certo e o que é errado. Tal como descobrimos que $2 + 2$ é igual a 4.

Objecção 1 - Diferenças culturais

Alguns relativistas dizem que não há verdade absoluta, e por isso, também não há uma Lei Moral absoluta. No entanto, ao examinarmos as diferentes culturas de diversos povos, podemos encontrar uma similaridade no que concerne à moral. Todos os povos possuem seu código moral sobre certo e errado, nenhum deles acreditava que a moral era relativa, e tais coisas como assassinato de inocentes. O que muda, entretanto, são as maneiras pelas quais cada povo enxerga as situações. Por exemplo, já ouviu-se falar de indígenas que assassinaram seus bebês até o número X de dias, porque até determinado tempo eles acreditavam que o bebê ainda não tinha alma, e assim, assassiná-lo não era problema. Já ouviu-se falar também de indígenas que enterravam vivos bebês que nasciam com determinada deficiência, por acreditarem que estavam amaldiçoados, ou algo do tipo. Para eles não era errado esse assassinato e abandono. A partir daí, relativistas vão dizer que a moralidade é subjetiva. Mas, repare bem que não é essa a questão! A questão é que eles acreditam que aquele bebê não tem alma, e acreditam que aquele outro pode trazer um grande perigo para toda comunidade. Se as suas crenças fossem ajustadas, e pudessem enxergar que o bebê tem alma e que o bebê que nasceu sem perna não é uma maldição, então eles não fariam isso! O problema não é sobre certo ou errado, nesses exemplos acima, e sim no que eles acreditam. Em outros contextos, em que não possuem crenças errôneas, sua lei moral pode se assemelhar a nossa: Tomar o que é do outro é errado. Matar o companheiro é errado. Prejudicar a tribo pensando no bem individual ao invés do coletivo é errado, etc. etc. Ou seja, diferenças culturais não refletem em diferenças efetivas nos valores morais fundamentais. Norman Geisler e Frank Turek argumentam sobre isso quando falam sobre a diferença entre comer carne de vaca na Índia ou nos EUA. Para os hinduístas a carne da vaca é sagrada, por isso comê-la é errado, mas como para os americanos não há nada de sagrado, então pode-se comer livremente. Mais uma vez a diferença não é em

relação ao valor moral, mas a crença! O hinduísta acredita que a vaca pode ser a reencarnação de algum parente seu, e por isso não deve comê-lo. O americano também pensaria da mesma forma se tivesse a mesma crença, porque apesar da crença ser diferente, a Lei Moral é a mesma.

Objecção 2 - Os dilemas morais

Algumas tentativas de dizer que a moral é relativa são os famosos *Dilemas Morais*. Um conhecido é o de cinco tripulantes que naufragaram e estão em um bote salva-vidas projetado para suportar apenas quatro pessoas. Para sobreviverem, inevitavelmente um dos sobreviventes deveria ser lançado ao mar para morrer. Este seria um dilema, pois condenar um homem a morte o lançando no mar não seria uma atitude errada, mas devido às circunstâncias, seria uma atitude certa. Logo, argumenta-se que certo ou errado (nesse caso, matar) dependem das circunstâncias. Mas, não é bem assim! Devemos analisar o que está por trás da Lei Moral que diz que matar é errado. A Lei Moral que diz que matar é errado valoriza e reconhece o valor da vida humana! E, ao admitirmos que lançar um dos homens ao mar é o certo, não estamos contrariando a Lei Moral que diz que matar é errado, pelo contrário, estamos reconhecendo essa Lei, pois no final das contas, o que queremos é salvar o maior número de vida possível - às outras quatro pessoas. Por que sacrificamos uma para salvar quatro? Porque reconhecemos o valor da vida humana. Dessa forma, não estaríamos agindo contra a Lei Moral, mas ao favor dela. Até porque, estamos querendo salvar as cinco vidas que estão no bote!

Na verdade esse tal dilema mostra como a moralidade é objetiva! Damos tanto valor à vida humana que ficamos presos em um... *dilema!* Se a moralidade fosse subjetiva, diz Norman Geisler, então não haveria um *dilema!* No fundo, os dilemas morais mostram que a moralidade não é subjetiva. A única coisa que os dilemas morais mostram é que podem haver circunstâncias difíceis, e quase todas elas giram em torno da pergunta: O que é mais certo de se fazer?

Objecção 4 - Não existe verdade absoluta!

Vivemos em um mundo relativista que diz não haver verdades absolutas. No entanto, a própria afirmação de que não existem verdades absolutas é uma afirmação auto-excludente, na medida em que se propõe a ser uma afirmação absoluta! Digamos que um professor entre em sala de aula e diga: “Não existem verdades absolutas!” Um aluno poderia indagar: “Mas, isso que você está falando é uma verdade absoluta, professor?” Ou seja, é verdade que não existem verdades? Toda afirmação que diz que a verdade é relativa, se propõe ser uma verdade absoluta.

Uma história ilustrativa que os relativistas contam é a dos cegos que vão conhecer um elefante! Cada um toca em uma parte do elefante, e conseqüentemente vão formar crenças diferentes sobre como o elefante era. Um, que havia pegado na tromba do elefante, dizia que era como uma cobra. O que tocou na lateral do elefante dizia que parecia com uma parede, o que tocou em suas orelhas disse que era algo fino e longo, etc. O resumo da história é que não existe verdade objetiva, cada um está tocando em uma parte da verdade. Entretanto, Jonas Madureira em “Inteligência humilhada” faz a simples (mas importantíssima) observação: A história está sendo contada pelo ponto de vista de quem não é cego, de quem vê o elefante como um todo. Assim, se alguém disser que todas as religiões são verdadeiras, ou que todas as crenças tocam em certa parte da verdade, pressupõe-se que essa pessoa conheça a verdade como um todo, assim como o narrador via o elefante como um todo. Aliás, a história parece favorecer mais a visão de que há uma verdade absoluta do que uma verdade relativa, afinal de contas, há um elefante! Ou seja, já se pressupõe que haja uma verdade absoluta, completa.

SUPRIMINDO A VERDADE PELA INJUSTIÇA

Em seu livro “Por que você acredita?”, K. Scott Oliphint relembra a visão de João Calvino sobre o “senso de divindade”. Essa era a ideia de que todo ser humano carrega dentro de si uma “noção divina da realidade”. Isso se comprova pelo fato de que em diversas épocas distintas e em diversos povos distintos sempre acreditou-se na existência de figuras divinas. Não se tem notícias de povos ou civilizações que não possuíam alguma crença religiosa. Isso se deve ao “senso de divindade” que já nasce com todo ser humano.

“Nós temos um instinto natural que Deus implantou em nós, o qual incluiu um conhecimento de Deus e uma compreensão de sua majestade.” (OLIPHINT, 2018, p. 41).

Isto faz parte da “revelação natural” de Deus, que está expressa tanto em nosso interior quanto em nosso exterior, através das coisas criadas. Porém, o que o homem faz é reprimir essas evidências dadas pelo Criador. É o que Paulo diz em Romanos:

“Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e a sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por

meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis.”
(Romanos 1:18-20)

Observa-se que os homens “suprimem a verdade pela injustiça”, ou seja, por mais que o próprio Deus já tenha lhes dado o senso de sua própria existência pelas coisas que Ele manifestou, o homem decide suprimir essa verdade em seu coração. Thomas Nagel foi sincero sobre seu ateísmo ao demonstrar que estava buscando suprimir a verdade da existência de Deus não porque evidências o levavam a isso, mas sim porque ele não queria que existisse um Deus.

“Quero que o ateísmo seja verdade e não me sinto à vontade com o fato de que muitas pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço têm credos religiosos. Não se trata apenas de eu não acreditar em Deus e, naturalmente, esperar que esteja correto em minha convicção. É que eu espero que não exista um Deus! Eu não quero que exista um Deus; não quero que o universo seja assim.” (NAGEL, Thomas. *The Last Word*, 2001, p. 130-31)

Do mesmo modo, K. Scott Oliphint argumenta que o filósofo francês Jean-Paul Sartre dizia que não queria acreditar em Deus pois isso o tornaria livre, ele não teria que prestar contas a ninguém. Do mesmo modo, o ex-ateu Lee Strobel disse que uma das suas motivações para não acreditar em Deus era de que poderia viver sem restrições morais. Há muitos outros exemplos nesse sentido. O que existe, portanto, é uma predisposição para negar a Deus para viver uma vida desregrada. Mas, obviamente isso não se aplica a todos os casos, porque há ateus que obedecem a lei moral, mesmo não reconhecendo ela devidamente. Há também casos onde há uma predisposição emocional para negar a fé em Deus, em casos de pessoas que se decepcionaram profundamente com a religião, ou que sofreram algum tipo de abuso. Isso pode ter a ver com o caso de Richard Dawkins que sofreu assédio de um padre quando era criança. William Craig argumenta que há casos em que pessoas negam a Deus pela questão emocional, por terem sofrido muito e acreditarem que Deus permitiu tal sofrimento. Isso nos faz lembrar a épica cena do filme “Deus não está morto”, onde o professor declara que não crê em Deus porque ele lhe tirou tudo que tinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente tem se dito (e com razão) que *Deus não existe*, mas que *Ele é*. Existir é tudo aquilo que *veio à existência* (após o Big Bang). Mas aprendemos neste módulo que Deus é atemporal, imaterial, e não está preso ao espaço. Ele está além da nossa dimensão e também da

nossa capacidade cognitiva de compreendê-lo em sua inteireza. E, apesar de todas as pistas que apontam para Ele, muitos homens, pela rebeldia, continuam a negá-lo. Todavia, Ele se faz conhecido a todos àqueles que o buscam e o invocam (Jr. 29:13). Não precisamos de todas as pistas científicas (por mais que elas existam) para saber que Deus é, podemos provar isso em nosso coração, em relacionamento íntimo e profundo com Ele.

“Provai, e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia.” (Salmos 34:8)